

## COLONIALISMO DIGITAL: POR UMA CRÍTICA HACKER-FANONIANA

DUARTE, Mayara Benevenuto<sup>1</sup>

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo, SP: Boitempo, 2023. *E-book*.



O livro *Colonialismo Digital: Por uma crítica hacker-fanoniana*, escrito por Deivison Faustino e Walter Lippold, oferece uma análise perspicaz sobre a perpetuação das estruturas de dominação colonial no contexto tecnológico contemporâneo. A versão utilizada neste texto é a publicada pela Editora Boitempo, em 2023. A obra associa a epistemologia de Frantz Fanon à ética *hacker* para produzir uma crítica descolonial que não apenas denuncia as práticas neocoloniais das *big techs*<sup>2</sup>, mas também propõe caminhos transformadores e insurgentes no campo digital. Em um mundo moldado pelo poder estrutural do *Norte Global*<sup>3</sup>. Os autores examinam como as tecnologias, que deveriam ser ferramentas de emancipação, são frequentemente instrumentalizadas para fortalecer a exploração cultural, econômica e política, especialmente sobre as nações do *Sul Global*<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Professora da Educação Básica no município de Santa Terezinha-PB. Atualmente é integrante do Grupo de pesquisa em Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE-CNPq) da UFCG e membro do Labores e do Labs, projetos que compõem o Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP).

<sup>2</sup> Refere-se às grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado global, como *Google, Apple, Facebook (Meta), Amazon e Microsoft*.

<sup>3</sup> Refere-se, geralmente, aos países mais desenvolvidos, onde a maioria das grandes nações industrializadas está localizada, como os Estados Unidos, Canadá, Japão, e os países da Europa Ocidental.

<sup>4</sup> Inclui nações em desenvolvimento, muitas das quais estão na África, América Latina e partes da Ásia, que enfrentam desafios socioeconômicos significativos e desigualdades históricas.

Ao propor uma ética-hackerfanoniana, os autores trazem a discussão sobre “colonizador-sujeito e colonizador-objeto” que revela uma dinâmica complexa de poder e de opressão. O colonizador se apresenta como um sujeito que impõe a sua cultura e os seus valores, desumanizando o colonizado, que se torna um objeto a ser dominado e moldado. Isso resulta em uma internalização da opressão cujo colonizado se sente inferior e dividido entre sua identidade original e os valores do colonizador.

Os autores avançam na ideia de que a descolonização no campo digital não pode depender de reformas dadas pelo sistema dominante, mas sim de um rompimento radical com os paradigmas impostos pelas megacorporações. Seus debates também oferecem uma crítica implícita às armadilhas dos “discursos salvacionistas”<sup>5</sup>, comuns no universo digital. As Corporações do Norte Global vendem a ideia de que suas tecnologias trouxeram melhorias para a inclusão e o avanço do Sul Global, mas frequentemente essas práticas mascaram interesses de mercado que expõem povos marginalizados ao extrativismo de dados e moldam subjetividades para servir a interesses específicos. Nesse sentido, da crítica dos autores ecoam os ensinamentos de Achille Mbembe<sup>6</sup> sobre necropolítica, ao demonstrar como o controle digital está intrinsecamente ligado à manutenção de vidas localizadas e territórios subalternizados.

A obra está organizada em 05 (cinco) capítulos principais, além de uma introdução que prepara o terreno teórico apresentando uma discussão sobre os conceitos de “colonialismo digital” e “hacker-fanonianismo”. Os autores associam a exploração imperialista à dinâmica do capitalismo neoliberal contemporâneo. Essa relação evidencia

---

<sup>5</sup> Referem-se a narrativas e práticas que prometem a salvação ou a resolução de problemas sociais, econômicos e espirituais, muitas vezes através da transformação radical das condições de vida de indivíduos ou comunidades.

<sup>6</sup> É um renomado filósofo, historiador e teórico político camaronês, conhecido por seu trabalho sobre as implicações do colonialismo e do pós-colonialismo, além de suas análises sobre a condição africana e a experiência diaspórica.

como as corporações tecnológicas, oriundas de países desenvolvidos, continuam a exercer controle sobre as nações em desenvolvimento, por meio da coleta de dados e da precarização do trabalho, perpetuando uma lógica de dominação e de exploração similar à do colonialismo histórico.

Apesar da aparente “neutralidade” da tecnologia, os autores ressaltam que empresas globais, como *Google*, *Facebook* e *Amazon*, operam exatamente como veículos reprodutores de dominação. Esses conglomerados controlam não apenas o fluxo de informações, mas também regulam os comportamentos, moldam os imaginários sociais e consolidam dinâmicas de poder baseadas no monopólio do conhecimento e dos dados.

Embasados no conceito de *colonialidade do poder*<sup>7</sup>, proposto por Aníbal Quijano, os autores argumentam que o Sul Global segue subjugado ao Norte Global por meio de tecnologias que extrapolam seu papel funcional e se consolidam como ferramentas intrusivas de vigilância, manipulação ideológica e imposição cultural.

Frantz Fanon, um dos mais proeminentes pensadores da luta anticolonial, é o proponente do eixo teórico central da obra. Contudo, os autores vão além das leituras tradicionais de Fanon<sup>8</sup> como pensador da descolonização territorial ou política. Eles atualizaram sua crítica, ao observar que as dinâmicas de dominação cultural identificadas por Fanon nos domínios coloniais financeiros seguem vigentes — e potencializadoras — no campo digital. É nesse ponto que surge o conceito do “hacker-fanonianismo”, uma proposta híbrida que converge a ética *hacker* e o pensamento descolonial de Fanon. Esse conceito sugere que a resistência ao colonialismo digital não pode se limitar à rejeição que exige o rompimento técnico e teórico com as estruturas hegemônicas por meio de uma ética orientada para autonomia, criatividade e cooperação.

---

<sup>7</sup> Refere-se às continuidades das relações de poder estabelecidas durante o período colonial, que persistem mesmo após a descolonização formal dos países.

<sup>8</sup> *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) e *Os Condenados da Terra* (1961).

Nos capítulos finais, os autores caminham da teoria para práticas concretas, explicando como o colonialismo digital funciona na prática. Os exemplos de exploração incluem uma coleta desenvolvida de dados pessoais, que serve como uma nova forma de extrativismo, e a imposição de valores culturais ocidentalizados por meio da *internet*. As dinâmicas de plataformas, como redes sociais e aplicações, reforçam desigualdades históricas, enquanto países e comunidades do Sul Global continuam privadas de sua própria soberania tecnológica. Como alternativa, os autores defendem um caminho baseado na adoção de tecnologias livres, como *softwares* de código aberto, e no desenvolvimento de sistemas descentralizados. Isto seria um caminho contra a centralização e a monopolização digital, uma vez que privilegia o acesso aberto, a transparência e a autodeterminação tecnológica.

De maneira diferenciada, o livro ultrapassa as críticas tecnofóbicas<sup>9</sup> ou simplistas, argumentando que a verdadeira descolonização não é apenas uma questão de consciência digital, mas de reequilibrar as estruturas que sustentam o controle tecnológico. A obra ilustra isso ao apresentar movimentos de resistência concretos, como a ampla valorização do *software* livre e iniciativas de redes comunitárias que criam autonomia em regiões periféricas e rurais. É nesse espaço que a emancipação digital encontra alicerces mais sólidos, abraçando também perspectivas educacionais, políticas e participativas.

Esta obra sublinha a urgência da educação como ferramenta essencial na luta contra o colonialismo digital. Faustino e Lippold destacam que ensinar as populações a compreender como funcionam os sistemas tecnológicos — desde os algoritmos até os interesses corporativos por trás deles — é fundamental para construir resistência. Essa alfabetização digital descolonial é vista como um motor de reapropriação cultural e

---

<sup>9</sup> São manifestações de medo ou desconfiança em relação à tecnologia e a suas implicações na sociedade moderna.

tecnológica, promovendo uma cidadania digital mais inclusiva, justa e capaz de enfrentar as desigualdades estruturais. Ao longo de sua argumentação, o livro não apenas expõe problemas, mas convoca à ação coletiva, reforçando que apenas um esforço global poderá realmente reverter as lógicas opressoras que persistem no digital.

O mérito mais evidente do livro reside em sua capacidade de integrar, de forma original e contundente, o pensamento de Frantz Fanon e o movimento *hacker* nas discussões sobre as dinâmicas de poder na tecnologia contemporânea. Essa abordagem interdisciplinar expõe as bases coloniais embutidas nas infraestruturas digitais e nas práticas das grandes corporações tecnológicas, trazendo uma análise que vai além de questões econômicas ou técnicas. Ao articular a colonialidade digital a uma crítica humana, cultural e política, os autores ampliam o entendimento sobre como tecnologias globalizadas perpetuam desigualdades históricas. Nesse sentido, o conceito de *necropolítica digital*, inspirado pelos trabalhos de Achille Mbembe, reforça a ideia de que a coleta profunda de dados, a vigilância constante e a manipulação algorítmica não são neutras, mas formas sofisticadas de exploração e subjugação direcionadas às populações já vulneráveis, especialmente no Sul Global.

As conexões traçadas entre Fanon e o *hacker* ético são especialmente potentes para resgatar o espírito de resistência coletiva, indicando que a emancipação em espaços digitais depende tanto de inovação técnica quanto de uma reorientação ideológica diante da tecnologia. Autores como Silvia Federici, que enfatizam a continuidade de formas de exploração no capitalismo digital, complementam esse debate, ajudando a solidificar a ideia de que o colonialismo digital é uma nova forma de expropriação que se alimenta da lógica neoliberal, mas que pode ser resistida coletivamente. Em tempos de concentração de poder digital, a leitura de *Colonialismo Digital* se reafirma como uma ferramenta poderosa no desafio de imaginar futuros mais justos e emancipatórios para o campo digital.